

QUAL A RELAÇÃO DA PSEUDO MATURIDADE E A CAPACIDADE DE BRINCAR DAS CRIANÇAS NA ATUALIDADE?

Camila Martins Sirtoli¹
Gabriela Farias de Azevedo¹
Gabriela Novello Ribeiro¹
Gabriela Pagno Cemin¹.
Paloma Stein²

Resumo: O seguinte trabalho apresenta um estudo a respeito do “o brincar” e da pseudomaturidade na infância. Considerando-se “o brincar” a forma lúdica de expressão das fantasias do inconsciente e vivências pelas quais a criança experiência. O texto aborda as expectativas e desejos dos genitores perante a criança e o relacionamento entre “o brincar” e as atividades diárias de pais e filhos. O artigo aborda também o papel da mãe no desenvolvimento do verdadeiro ou falso self da criança.

Palavras-chave: Brincar. Fantasias. Falso Self. Pseudo Maturidade. Mini adultos.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo exerce sobre as crianças uma enorme influência. Seus comportamentos e atitudes são moldados a partir de desejos dos pais, que querem cada vez mais filhos que sigam determinados padrões, sendo assim os sobrecarregam de atividades. As pressões variam desde pressões acadêmicas precoces, onde ter um filho “prodígio” é um grande desejo, a vestimenta, onde se vê crianças vestidas como adultos, sendo que se elas se vestindo como estes tem maior probabilidade de se comportarem como eles, e as atividades escolares também estão cada vez mais voltadas e estruturadas a formarem mini adultos (ELKIND, 2004).

Para entender estas mudanças é necessário os aspectos que estão mudando no contexto em que as crianças estão inseridas, os conceitos de violência, tecnologia e os papéis exercidos pelos pais passaram a adquirir novas formas. Essas mudanças contemporâneas modificaram o papel da criança na infância. A rotina cheia de atividades pedagógicas e a vontade dos pais sobre a criança estão deixando a brincadeira de lado, o espaço para se expressar espontaneamente e permitir-se existir está perdendo lugar cada vez mais na atualidade.

¹ Acadêmicas do Curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha.

² Professor Orientador do Projeto

No brincar que a criança vivencia o lúdico, estimula sua imaginação e aprende a conviver em grupo. Esta atividade de brincadeira é essencial para o amadurecimento e desenvolvimento infantil.

Com isto, na presente pesquisa, buscou-se compreender sobre a importância do brincar para a criança e se existe uma relação entre o brincar, uma atividade fundamental na infância, e a pseudo maturidade.

2 METODOLOGIA

2.1 Pesquisa Qualitativa

Segundo Victora, Knauth e Hassen (2000) os métodos qualitativos são basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre, permitindo a observação de vários elementos ao mesmo tempo em um pequeno grupo. Esse tipo de pesquisa possibilita assim um conhecimento aprofundado de um evento e a explicação de determinados comportamentos. A pesquisa qualitativa visa compreender a subjetividade dos fenômenos aceitando a realidade e complexidade que eles apresentam, buscando o aprofundamento por análise (Demo, 2000). O trabalho tem como objeto de estudo as crianças que desenvolvem uma pseudomaturidade, estudando quais os fatos relacionados a esse processo e buscando compreender o porquê desse comportamento, o qual é cada vez mais comum na atualidade.

2.2 Pesquisa Exploratória

Segundo Gil (2010), têm como objetivo proporcionar familiaridade com o problema, com o propósito de tentar explicitá-lo mais ou a construir hipóteses. Por ser mais flexível, é mais difícil de rotular os estudos exploratórios. É muito utilizado no âmbito acadêmico pois, em geral, os alunos não tem uma visão muito clara do que irão estudar. A pesquisa tem como problema de pesquisa a seguinte pergunta: Qual a relação da pseudo maturidade e a capacidade de brincar das crianças na atualidade?

2.3 Pesquisa Bibliográfica

Conforme Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em um material já publicado. Tradicionalmente incluía o material impresso (livros, teses, jornais, entre outros), mas atualmente as novas formas de informação (CDs, DVDs, materiais disponíveis na internet, etc) também são considerados. Marconi e Lakatos (2008) trazem, além disso, que tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato com tudo, ou grande parte, do que já foi produzido em relação ao tema.

Para construção desta pesquisa foi utilizado artigos, livros e materiais online. A pesquisa baseia-se em palavras chaves como o brincar, falso self, mini-adultos, fantasias e pseudo da maturidade. Os temas foram escolhidos a partir da delimitação do tema, como, a importância da mãe no amadurecimento do bebê, o brincar no desenvolvimento infantil e o papel dos pais nas atividades da criança.

2.4 Delimitação da População

Segundo Demo (2000), delimitar é definir limites para que o tema se torne mais claro. Sendo assim o presente trabalho refere-se a análise de uma possível relação entre a capacidade de brincar e a pseudo maturidade nas crianças da atualidade. Este estudo tem como base a pesquisa em artigos científicos que são encontrados mediante palavras associadas ao tema. Mas, também se apoia em livros sobre o tema. Os autores mais utilizados como fonte de referência para esse trabalho foram Melanie Klein e Donald Wood Winnicott. Winnicott e Melanie Klein divergiam em opiniões com relação a alguns aspectos práticos da terapia, como a postura ideal do terapeuta com relação ao paciente, visto que o primeiro propunha que o terapeuta deveria participar, brincar junto a essa criança, enquanto Melanie assumia uma postura de observação apenas. No entanto, ambos autores buscaram propor um olhar diferenciado para o brincar, estudando o mesmo como uma técnica psicanalítica pelo qual poderiam ser revelados aspectos do inconsciente da criança, assim como ser um meio de comunicação da criança com o meio externo.

3 RESULTADOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 O Brincar

Algumas condições são necessárias para que se tenha sucesso na busca do self, tal como a criatividade. É no brincar e, talvez somente aqui, que a criança e o adulto despertem

sua liberdade de criação de sentirem-se livres para expressar sua criatividade. “E é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (WINNICOTT, 1990, pg. 80).

A criança expressa suas fantasias, desejos e experiências de uma forma simbólica, através de jogos e brinquedos. Ao fazê-lo utiliza os mesmos modos arcaicos e filogenéticos de expressão, a mesma linguagem, à qual já nos familiarizamos nos sonhos (ROZA, 1993, pg. 80).

O brincar no desenvolvimento infantil tem uma variedade de significados simbólicos que estão igualmente vinculados às suas fantasias, desejos e experiências. Outra maneira pelo qual se pode observar esses significados simbólicos é a utilização de materiais que estimulem a criatividade lúdica da criança como papel para rabiscar e cortar. Também a observação do comportamento, como a postura e expressão facial. É através do brincar que se é capaz de ter acesso ao inconsciente da criança (KLEIN, 1987).

A variedade de situações emocionais que podem ser expressas pelas atividades lúdicas é ilimitada: por exemplo, sentimentos de frustração e de ser rejeitado; o ciúme do pai e da mãe, ou de irmãos e irmãs; agressividade acompanhando esse ciúme; prazer em ter um companheiro de jogo e aliado contra os pais; sentimentos de amor e ódio em relação a um bebê recém-nascido ou um que é esperado, bem como a ansiedade consequente, a culpa, e a urgência de fazer reparação (KLEIN, 1987, pg. 34).

O brincar vai além da função recreativa ou de lazer, sendo também um meio de comunicação não verbal da criança para expressar aquilo que faz parte do seu mundo interno e externo de forma lúdica, quando não se tem ainda o domínio da linguagem. O brincar é então uma forma de manifestar suas fantasias e potencial onírico misturado com a realidade, aspectos que assimila do externo. Segundo Winnicott (1990) o brincar também desenvolve a confiança e conduz a relacionamentos grupais, pois ocorre um desenvolvimento do tempo e espaço desse brincar. Inicialmente a criança se vê aliada a figura materna como algo único, dissociável. Quando a mãe passa a interagir com a criança, principalmente através da brincadeira, ocorre essa separação onde passa a perceber a mãe e a si mesmo como dois seres distintos, mas que ela está ali ao seu lado. Essa relação de confiança que se estabelece permite que a criança desenvolva a habilidade de brincar sozinho, mesmo quando a mãe não está por perto. Isso permite que a criança passe a brincar com o outro em grupos, o que exige um nível de maturação maior.

O brincar é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, ele ajuda e contribui para sua concepção de mundo, auxilia no processo de aprendizagem, socialização, e construção da autonomia (OLIVEIRA, 2000). A criança durante a atividade lúdica assume

por vezes o papel de pai, mãe, professor ou outras pessoas, demonstrando como se sente em relação a elas e o modo como as mesmas a tratam, ou deveriam tratar.

Dentro do processo analítico os objetos lúdicos disponibilizados à criança geralmente são simples, pois é a simplicidade do brinquedo que potencializa a criança imaginar e trazer suas vivências para a brincadeira. Os brinquedos frequentemente não são mecânicos e os personagens da figura humana devem ser neutros, sem que indiquem alguma ocupação. O brincar se dá de maneiras diferentes e pode variar de acordo com cada etapa de vida (KLEIN, 1987).

Para os bebês o brincar auxilia na construção da inteligência e equilíbrio emocional, e se dá em grande parte com a ajuda da mãe. (OLIVEIRA, 2000, p.16). A brincadeira simbólica de acordo com Lebovici e Diatkini (apud OLIVEIRA, 2000, p.19) é uma forma da criança aprender a lidar com as funções e reações sociais, já que esta é uma forma de representação da realidade conforme ela é sentida e percebida pela criança.

De acordo com Lillard (apud OLIVEIRA, 2000) o faz-de-conta, traz conceitos de simular e brincar, já que o brincar seria a diversão e o simular está ligado a simulação da realidade, uma forma de disfarçar o mundo real que é substituído pela fantasia. A agressividade também é importante no processo do brincar e fantasiar, pois permite que certos conteúdos e sentimentos internalizados possam ser trabalhados.

Para Klein (1987), é primordial que a criança manifeste sua agressividade na hora do jogo, ela pode ser expressa diretamente ou indiretamente. O importante desse ato agressivo é entender a transferência nele colocado e os motivos dos impulsos destrutivos. Quando a criança destrói um brinquedo, esta atribuindo a ele, não somente o valor de objeto, mas também seus sentimentos referentes a alguém. Logo após aniquilar o brinquedo, ou melhor, acabar com um indivíduo, surge o sentimento de culpa na criança. A culpa não é só pelo dano real reproduzido, mas pelo que o brinquedo representa no inconsciente da criança.

Em inúmeras vezes esse brinquedo danificado, que tem representação do pai, mãe, irmãos ou outras pessoas, será deixado de lado pela criança. Isso acontece devido o medo de que a pessoa atacada queira vingança e se torne perigosa. A necessidade de reparação surge em consequência da diminuição do sentimento de perseguição pelo estrago cometido (KLEIN, 1987).

A importância de dar livre curso as fantasias, inclusive as de destruição no brincar, é fundamental, pois quando estas se tornam assustadoras demais, internamente, passam a correr o risco de não poderem mais ser projetadas ou sublimadas (OLIVEIRA, 2000, p. 20).

Quando a criança já esta maior, acima dos dois anos, as brincadeiras em grupo passam a ser fundamentais, pois estas trazem regras de socialização, exigem também que a criança controle seus impulsos e desejos pela necessidade de ser aceito e que aprenda a lidar com suas frustrações (OLIVEIRA, 2000).

3.2 As Crianças na Contemporaneidade

Existem estigmas criados pela sociedade de quanto mais cedo melhor no amadurecimento das crianças, porém não existe comprovações de que atividades realizadas sozinhas pelas crianças possam trazer grandes benefícios, atividades que envolvam toda a família e que tenham a participação dos pais seriam as mais recomendadas (ELKIND, 2004).

Além das típicas expectativas a respeito dos dotes e desempenho do filho, a melhoria do relacionamento do casal com a chegada de um filho, a continuação da profissão dos genitores e a beleza da criança são inclusa nas expectativas dos pais (PANDOLFI, 1997).

Elkind (2004) associa a insatisfação na vida profissional dos pais a desejos depositados nos filhos, já que estes pais que não estão contentes ou sabem que já alcançaram um determinado patamar em uma carreira, tentam compensar participando mais na vida dos filhos, e os colocando em atividades que acabam perdendo a diversão e se tornam desprazerosas para as crianças.

Elkind (2004, p.46) afirma que:

As crianças não aprendem, pensam ou sentem da mesma maneira que os adultos. Ignorar suas diferenças, tratar as crianças como adultos, não é realmente democrático ou igualitário. Se ignoramos as necessidades especiais das crianças, estamos nos comportando como se negássemos... aos deficientes rampas e placas indicadoras.

Muitas vezes as crianças passam a ser obrigadas a se adaptar a realidade dos pais, que muitas vezes possuem uma rotina de vida com pouco tempo disponível, e nem chegando a ver seus filhos durante o dia, sendo assim estas crianças acabam perdendo parte de seu tempo adquirindo tarefas e responsabilidades. Elkind (2004 p.233), afirma que na sociedade cada vez mais apressada o brincar não possuem o valor que deveria ter, e a brincadeira acaba sendo transformada em trabalho. O que deveria aliviar o estresse acaba aumentando ele.

3.3 Falso self

A mãe tem um papel fundamental no desenvolvimento desse verdadeiro ou falso self, visto que o falso self surge por uma incapacidade materna de interpretar as necessidades do bebê (KNIJNIK, 2010).

Winnicott afirma que, neste estágio, o bebê funciona em um estado de não integração na maior parte do tempo, prevalecendo apenas sensações. Neste contexto, o papel da mãe é muito importante. Ela funciona como um ego auxiliar ao do bebê, que o leva a integrar suas sensações corporais, os estímulos ambientais e suas capacidades motoras nascentes (KNIJNIK, 2010, p. 2).

Conforme Winnicott (1960), a “mãe suficientemente boa” é aquela que incentiva a onipotência primária, possibilitando ao bebê a sensação de que ele cria, o que ele faz é o melhor e mais bonito, passando muita segurança para essa criança é quando o self verdadeiro inicia sua formação. Aos poucos o próprio bebê vai renunciar a essa onipotência, mas a capacidade de autenticidade permanece e isso irá ajudá-lo a lidar com o exterior, com o mundo.

Já, a “mãe não suficientemente boa” não é capaz de sentir as necessidades do bebê, volta-se para si mesma, e assim o bebê tem que se submeter ao gesto da mãe para ser reconhecido. É uma incapacidade de perceber seu bebê e suas necessidades, fazendo com que ele se adapte as necessidades da mãe. Ao submeter-se a essas necessidades do ambiente, o bebê perde sua espontaneidade. “O principal aspecto do falso self é a submissão e imitação, pois o bebê constrói um conjunto de relacionamentos falsos” (KNIJNIK, 2010, p. 3). Para obter seu amor, passa a introjetar aspectos da figura dominante. Se o bebê mostra-se seu verdadeiro self, equivaleria à aniquilá-lo. Pois criou o falso self para sobreviver aos aspectos do ambiente não acolhedor. Portanto, o falso self é o resultado desse envolvimento inicial com a mãe não suficientemente boa (KNIJNIK, 2010).

Porém, o falso *self* nem sempre é um aspecto patológico, em certo ponto, todos criamos um falso self com intenção de ter uma postura mais polida e socialmente aceitável, na busca de um lugar na sociedade que não seria possível mantendo apenas o verdadeiro self. Porém isso se torna patológico quando esse segundo é totalmente oculto pelo primeiro (WINNICOTT, 1983).

Segundo Winnicott (1983) o falso self, em alguns momentos, funciona como uma defesa. É criado para se proteger daquele ambiente que não está cuidando como deveria dessa criança. Assim, ele não elimina o verdadeiro self, mas impede que ele se desenvolva fazendo com que permaneça oculto. Sendo o falso self o que se desenvolve, acaba se fortalecendo

como algo real para aqueles que convivem com esse indivíduo como seus amigos, colegas de trabalho, companheiros, construindo um conjunto de relacionamentos falsos.

A pseudo maturidade, é uma forma de manifestação do falso self onde esse é criado e na maioria das vezes incentivado pelos familiares e pessoas do meio social com a qual aquela criança ou adolescente convive. Muitas vezes os pais projetam nos filhos certos sonhos ou desejos que os mesmos não foram capazes de realizar e, para dar conta disso, os filhos criam um falso self. No entanto em algum momento esse falso self pode falhar e nem sempre essa transição acontecerá de modo saudável. Por vezes a última tentativa de o falso self manter protegido o verdadeiro self é destruindo a si próprio. (WINNICOTT, 1983).

Quando a criança usa da identificação adesiva, que é uma identificação narcísica, na qual a criança usa figuras importantes para formar sua personalidade, com a mãe como uma defesa contra a dependência, os limites entre capacidades de adultos e crianças se perdem. O que traz como consequência, uma estruturação pré-edípica com um caráter dócil, com preferência de companhia de adultos, grande capacidade verbal, mandona com outras crianças, ataques agressivos devido à ansiedade ou frustração. Assim, se caracteriza como uma simulação das atitudes, pensamentos, ações (KNIJNIK, 2010).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O lugar da criança na contemporaneidade se equivale ao lugar que ela ocupava antigamente. Hoje como consequência da pós-modernidade, é exigido cada vez mais que a criança se pareça com o adulto. Antigamente a educação da criança era baseada em uma rotina onde ajudar os pais em tarefas diárias ou mesmo no trabalho doméstico fazia parte do dia-a-dia, visto que a maioria das famílias eram formadas por uma quantidade muito grande de pessoas e tinham como fonte de renda a subsistência. Atualmente a realidade de muitas famílias mudou, e a rotina das crianças deixa de ser ajudar os pais e passa a tornar-se “adulto” enquanto possuidor de habilidades e conhecimentos, quanto mais cedo melhor. Com isso as brincadeiras que antes coloriam a infância perdem-se e dão lugar as novas tecnologias e brincadeiras voltadas ao aprendizado.

São muitos os fatores os quais observamos que podem influenciar a pseudomaturidade, dentre eles se fez muito presente a projeção dos desejos dos pais nos seus filhos, onde estes buscam as realizações que não tiveram em sua infância. Também notamos a necessidade que a sociedade e cultura impõem da criança modelo, onde cada vez mais estas

são inseridas em atividades pedagógicas, que ocupam grande parte de sua rotina, com o intuito de lhes ensinar responsabilidades e lhes aproximar da vida adulta, como consequência o brincar enquanto forma de expressão e fantasia trona-se inexistente ou desprazeroso.

É o eu do bebê que amadurece, e não somente o corpo físico do bebê, isso explica porque existem pessoas imaturas com um corpo biologicamente “pronto”. A função da mãe suficientemente boa é exatamente a de sustentar a ideia onipotente do bebê, o que vai ajudando com que seu self verdadeiro se desenvolva. No início a diferenciação entre ele e a mãe é confusa, por isso ele precisa da sustentação física, do contato, da mãe ser continente para o bebê o aceitando como um sujeito espontâneo.

A relação de confiança entre mãe e bebê se inicia com o “holding” materno, que consiste na capacidade materna em entender aquele bebê e fazer com que se sinta cuidado e protegido desde o primeiro momento. Esse processo gera um elo de confiança entre a mãe e a criança essencial para que ele consiga se desenvolver de forma saudável. No entanto é necessário que essa mãe em algum momento frustre esse bebê, pois apenas assim ele conseguirá se perceber como um ser só, sair de um estado integrado com a figura materna para reconhecer a si mesmo e o mundo externo. Quando esse processo falha formam-se crianças com o que apontamos anteriormente como falso self, desenvolvendo consequentemente a pseudomaturidade. Isso pode ser observado atualmente em algumas crianças as quais são aparentemente saudáveis e muitas vezes apontadas como perfeitas pelos pais por viverem uma vida regrada, rodeada de atividades com cunho educacional e de lazer aprovadas por seus progenitores, e na maioria das vezes também escolhidas por eles. Com intenção de agradar e corresponder às expectativas dos pais essas crianças permanecem e buscam evoluir nessas atividades, sem serem questionadas se elas realmente desejam realizar aquilo, criando por vezes uma personalidade diferente da sua e deixando os seus verdadeiros valores e preferências de lado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos tempos podemos perceber como as crianças deixaram de ter atividades de crianças e aos poucos foram se tornando “mini adultos”. A grande quantidade de atividades que muitas crianças têm executado, assim como o nível de maturidade e responsabilidade que lhes é exigido é no mínimo preocupante. Visto que, muitas vezes elas não têm tempo para fazer o que seria de seu direito e maior dever, brincar.

Atualmente sabe-se da importância que o brincar tem. Não poderíamos reduzir o brincar a um mero passatempo, ele é muito mais. É uma forma de resolver seus conflitos, um caminho para acessar aos desejos, fantasias, ideias inconscientes, de trazer a tona aspectos agressivos, uma forma de socialização, alfabetização, enfim, ajuda e é essencial para o desenvolvimento da criança.

Por sua vez, a pseudomaturidade, que é uma forma de falso self, surge no momento em que a mãe não é suficientemente boa, não falamos aqui da mãe perfeita, mas sim da mãe que é o necessário para um pleno desenvolvimento da criança. Uma mãe que consiga sustentar física e psicologicamente seu filho, porém, que ao mesmo tempo o frustrar, pois a partir disso é que ele vai se diferenciando da mãe.

Percebe-se então uma sociedade tecnológica, na qual é mais válido jogar um jogo eletrônico do que brincar ao sol. Uma sociedade formada por pais que por não terem tido algumas oportunidades quando mais novos, fazem de seus filhos uma projeção dos seus desejos. Esses por sua vez, cada dia mais tem suas agendas superlotadas de compromissos. Ao mesmo tempo em que se tornam super estimuladas, perdem um aspecto que seria fundamental para seu desenvolvimento.

A criança precisa do brincar como fonte didática, mas é importante o questionamento de até que ponto esse valerá a pena se isso não permitir que a criança conheça a si mesma e formule sua verdadeira personalidade. Adquirir conhecimento é algo próprio do ser humano, mas cada um irá desenvolver determinado conhecimento e o tornará ou não uma habilidade em consequência dos seus valores. Sendo assim, talvez o que falte atualmente seja permitir que a criança simplesmente brinque, sem estar necessariamente desenvolvendo habilidades tecnológicas ou aprendendo uma língua estrangeira através disso, mas sim poder expor seus sentimentos, pensamentos, comunicar-se com o meio externo.

6 REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo. Atlas, 2000.

ELKIND, David. **Sem tempo para ser criança: a infância estressada**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FRANCO, Sérgio de Gouvêa. **O brincar e a experiência analítica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100003> Acesso em: 07 set. 2013.

FULGENCIO, Leopoldo. **O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2008000100013&script=sci_arttext> Acesso em: 08 set. 2013.

GALVÁN e AMIRALIAN, Gabriela Bruno e Maria Lúcia Toledo Moraes. **Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942009000200005&script=sci_arttext> Acesso em: 07 set. 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KLEIN, Melanie. **A Psicanálise de Crianças**, Rio de Janeiro, Imago, 1987.

KNIJNIK, Márcia. **Falso self, pseudomaturidade, segunda pele e identificação adesiva: uma revisão sobre os conceitos**. Disponível em: <http://www.rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=59> Acesso em: 07 set. 2013.

MARCONI e LAKATOS, Marina de Andrade e Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: VOZES, 2000.

PANDOLFI KOCH HACK, Soraya Maria. **O diálogo com os pais**. Publicação CEAPIA. N° 10, setembro 1997.

ROZA, Eliza Santa. **Quando Brincar é Dizer: a experiência psicanalítica na Infância**. Rio de Janeiro, RelumeDumará, 1993.

VÍCTORA, KNAUTH e HASSEN, Ceres Gomes, Daniela Riva e Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

WINNICOTT, Donald Woods. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. 6° ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.

WINNICOTT, Donald Woods. (1983). **Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self**. Em D. W. Winnicott (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1960).